

12/06/2018 - 05:00

População ainda não acordou para a realidade fiscal, diz Fragelli, da FGV

Por **Sergio Lamucci**

A democracia brasileira conseguiu acabar com a hiperinflação, mas não tem sido capaz de criar as condições para tornar viável a volta do crescimento, diz o economista Renato Fragelli, da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). "A estagnação por muito tempo tem o potencial de, no limite, levar a sociedade a se deixar convencer por pseudo-soluções populistas, seja de esquerda, seja de direita", afirma ele, avaliando que o país chegou à beira do abismo fiscal.



Fragelli: estagnação longa pode levar sociedade a se deixar convencer por populismo

"Se o próximo presidente não implantar a reforma da Previdência, colherá uma crise econômica tão avassaladora que acabará expulso do Palácio do Planalto", diz Fragelli. Um problema, segundo ele, é que a população não acordou para a realidade fiscal, "apesar de ter sido vítima do imenso estelionato eleitoral do PT em 2014". Para Fragelli, contudo, não foi apenas o PT que "alimentou a ilusão dos eleitores", ao atribuir ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva a bonança dos anos 2004-2010, que teria sido proporcionada pelo boom das commodities. "O PSDB foi igualmente culpado por essa infantilidade econômica. Caberia à oposição expor ao povo a doutrina em que acredita, no caso a necessidade de reformas".

No entanto, o partido "acovardou-se" nos debates, acreditando que perderia votos se defendesse as reformas, "uma estratégia desastrosa", de acordo com Fragelli. "Em países politicamente maduros, a discussão política gravita em torno da restrição orçamentária. Aqui, todos os partidos infantilizam o povo". A seguir, trechos da entrevista.

Valor: Pesquisa do Datafolha mostrou que 87% dos entrevistados apoiaram a greve dos caminhoneiros, mas são contra aumento de impostos e corte de gastos para bancar as concessões. Como avalia esse resultado?

Renato Fragelli: A pesquisa mostra que a população, apesar de ter sido vítima do imenso estelionato eleitoral do PT em 2014, ainda não acordou para a realidade fiscal. Mas não foi só o PT que alimentou a ilusão desses eleitores, ao atribuir a Lula a bonança dos anos 2004-2010, na realidade proporcionada pelo boom das commodities. O PSDB foi igualmente culpado por essa infantilidade econômica. Caberia à oposição expor ao povo a doutrina em que acredita, no caso a necessidade de reformas. Mas o PSDB acovardou-se

nos debates eleitorais, acreditando que perderia votos se defendesse as reformas. A estratégia foi desastrosa. Em cada uma das quatro eleições, sofreu uma derrota eleitoral e uma derrota política, por não ter deixado nenhuma mensagem incrustada na mente do eleitor. Em países politicamente maduros, a discussão política gravita em torno da restrição orçamentária. Aqui todos os partidos infantilizam o povo.

Valor: *O sr. está mais pessimista com as perspectivas da reforma da Previdência e de medidas fiscais em 2019?*

Fragelli: Em 1992, a Comissão de Reforma Fiscal criada pelo então ministro Marcílio Marques Moreira identificou a necessidade de se reformar a Previdência. Já se passou um quarto de século, e a questão ainda não foi enfrentada. Chegamos à beira do abismo fiscal. As regras previdenciárias vigentes no Brasil são verdadeiras aberrações quando comparadas às de outros países. Depois da grande celeuma gerada pela proposta de reforma de Temer, quando artistas foram marionetes de servidores públicos insatisfeitos, já há uma certa consciência de que é preciso mudanças. Acredito que haverá uma reforma, mas não sei dizer se será a última, a que equacionará o problema.

Valor: *Quais as consequências de não enfrentar o desequilíbrio fiscal?*

Fragelli: A principal fonte de desequilíbrio é, de longe, a Previdência. Se o próximo presidente não implantar a reforma da Previdência, colherá uma crise econômica tão avassaladora que acabará expulso do Palácio do Planalto. A democracia brasileira conseguiu acabar com a hiperinflação, mas agora não está conseguindo implantar as condições que viabilizariam a retomada do crescimento. A estagnação por muito tempo tem o potencial de, no limite, levar a sociedade a se deixar convencer por pseudo-soluções populistas, seja de esquerda, seja de direita.

Valor: *Candidatos que defendem reformas e responsabilidade fiscal têm dificuldades. A perspectiva de polarização entre candidatos como Ciro Gomes e Jair Bolsonaro ajuda a explicar a volatilidade no mercado?*

Fragelli: Se o PSDB não tivesse sido uma oposição tão incompetente durante os mandatos petistas, o poder estaria caindo no seu colo. Mas, a julgar pelas pesquisas recentes, corre o risco de nem sequer chegar ao segundo turno. Uma disputa entre uma espécie de coronel e um capitão insubordinado parece hoje o cenário mais provável. Os dois têm temperamentos imprevisíveis. Não inspiram confiança. A volatilidade vai permanecer até as eleições.

Valor: *O ano começou com relativo otimismo sobre a economia, e hoje há um governo fraco uma, atividade lenta e um quadro eleitoral conturbado. Quais as perspectivas nesse novo cenário?*

Fragelli: O quadro eleitoral deve sofrer alterações. O centro pode se aglutinar em torno de uma candidatura única. O futuro lançamento do candidato do PT - talvez Fernando Haddad - tende a esvaziar parcialmente a candidatura de Ciro. Com pouco tempo de TV, Bolsonaro deve perder espaço quando começar o horário eleitoral. Há muita incerteza ainda. Quanto às perspectivas do país, curiosamente elas poderiam ser muito boas, pois só dependem dos próprios brasileiros. A crise do Brasil é auto-infligida. Após a redemocratização, o país avançou muito. O Plano Real acabou com a inflação, viabilizando os avanços na redistribuição de renda. A chegada de Lula ao poder trouxe o medo de um grande retrocesso, mas ele surpreendeu a todos adotando uma política econômica consistente. O país chegou a ganhar o grau de investimento. O descarrilhamento começou em 2008, após a crise do subprime [a crise das hipotecas de alto risco nos EUA]. Vieram a mudança do marco regulatório do petróleo, os empréstimos do Tesouro ao BNDES e, a partir de 2011, o furacão trespasseado Dilma. Tendo fornecido, em duas eleições, o determinante apoio do PMDB à eleição de Dilma, Temer não dispunha de legitimidade para consertar em dois anos e meio o que havia sido estragado durante tanto tempo. O enorme apoio parlamentar esvaiu-se com a denúncia de Joesley. Mas recuperou a credibilidade do BC, fez a reforma trabalhista e abriu a discussão sobre a necessidade de reformar a Previdência. Se os brasileiros souberem votar bem, a retomada da economia será mais rápida do que muitos imaginam.

